

Na companhia de Nietzsche, Michel Foucault e Roberto Machado

Tereza C. Calomeni*

Resumo: Uma reflexão sobre o *Zarathustra* de Nietzsche, sobre um caminho pessoal por Nietzsche e Foucault, e o encontro com Roberto Machado e o *Amor Fati* como um viver amorosamente, sem culpa, ressentimento ou rancor, a temporalidade da vida.

Palavras-chave: Roberto Machado, Nietzsche, Zarathustra, Foucault, *Amor Fati*.

Impressions of Roberto Machado: friend, artist and thinker of the joy of living

Abstract: A reflection on Nietzsche's Zarathustra, on a personal path by Nietzsche and Foucault, and the encounter with Roberto Machado and the conception of Amor Fati as a lovingly living the temporality of life, without guilt, resentment or rancor.

Keywords: Roberto Machado, Nietzsche, Zarathustra, Foucault, *Amor Fati*.

Lento é o vivenciar de todas as fontes profundas: muito têm de esperar, até saberem o que caiu em seu fundo.
(Nietzsche)

Imersa na jovialidade dos meus treze anos, encontrei-me, inesperadamente, com *Assim falou Zarathustra*. Afeita à leitura, incitada a me entregar aos livros desde o início do curso primário, já havia explorado um bom pedaço do terreno da literatura. Precoce, o encontro com o livro escrito por Nietzsche entre 1883 e 1885 naquela exata metade da década de 1970 foi uma festa: que metáforas e parábolas tão atraentes!, que incrível intimidade entre palavras e imagens!, pensava eu, supostamente amparada por uma espécie de imaturidade intelectual, ainda distante, formalmente, do horizonte da filosofia, nem tanto da percepção das funestas circunstâncias políticas que violentavam e entristeciam o país. Com que força foram animadas minha sensibilidade e minha imaginação “frente ao retorno da linguagem à natureza mesma

* Professora do Departamento de Filosofia da UFF. Contato: terezacalomeni@gmail.com

da imagem”¹; que emoção tão forte, mas até então desconhecida e inominada, diante de tantas máximas, todas “cumes”², algumas tão duras, outras tão doces!

Que gênero de escrita abrigaria o enredo de *Zaratustra*? A trama que afinal fortaleceu minha crença juvenil na fecundidade da solidão e do silêncio e na generosidade da companhia dos livros seria um longo poema ou um romance diferente, povoado de personagens interessantes e um tanto estranhos? seria uma epopeia? uma tragédia? Um “ditirambo à solidão”³, um canto dionisíaco, música, “sinfonia”⁴, até mesmo “algo inominável”⁵, leria anos mais tarde nas linhas do próprio Nietzsche e de intérpretes.

O famoso *Prólogo*, claramente enlaçado ao aforismo 342 de *A gaia ciência*, livro que “contém mil indícios da proximidade de algo incomparável”⁶, me atraía e intrigava: nele, a bela descrição da primeira descida – são várias as subidas e descidas! -- de Zaratustra do alto de uma montanha, a sofisticada narrativa do “declínio” do andarilho que decide se retirar para uma caverna da floresta e depois de dez anos, visivelmente transformado, com o coração mudado⁷, deixar a solidão purificadora e “baixar à profundidade”⁸, alegremente. No *Prólogo*, o retorno de Zaratustra à planície, luminoso e radiante, forte e agradecido, pleno, ciente de seu excesso, excessivo “como a abelha que juntou demasiado mel”⁹, certo da fartura de sua “sabedoria”¹⁰, farto como a “taça” que quer transbordar, verter, dadivosa, sua “água dourada”¹¹.

No curso da leitura das quatro partes em que se divide o livro, meu ingênuo fascínio: quantas aventuras e quantos dissabores experimenta o personagem por tanto tempo silente e solitário, mas, agora que resolve voltar ao vale, à espreita de “mãos” que para ele se estendam para receber a fina sabedoria concebida no “ar rarefeito das alturas”, ávido por companheiros com quem (com)partilhar vivências e o segredo da vida. A solidão, uma das quatro virtudes exaltadas no aforismo 284, de *Para além do bem e do mal* (1886), é preventiva e até mesmo acolhedora, é o lugar e o tempo em que amadurecem os melhores frutos e se desenham novas séries de “objetos venerados” e “outro amor”, mas não exige a ausência ou o alheamento da

¹ NIETZSCHE, F. *Ecce homo; como alguém se torna o que é*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 89. (*Assim falou Zaratustra*, 6).

² *Ibidem*, *Assim falou Zaratustra; um livro para todos e para ninguém*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 40. (*Do ler e do escrever*).

³ *Ibidem*, Op. cit., p. 33. (*Por que sou tão sábio*, 8).

⁴ Carta de Nietzsche a Peter Gast, de 02 de Abril de 1883.

⁵ Carta de Nietzsche a Peter Gast, de 13 de Abril de 1883.

⁶ NIETZSCHE, *Ecce homo*, p. 83. (*Assim falou Zaratustra*, 1)

⁷ NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra, Prólogo*, 1, p. 11.

⁸ *Ibidem*.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ *Ibidem*, p 1, p. 11-12.

vida: Zaratustra desce porque ama os homens e porque, sabedor da *morte de Deus* e do que esse *acontecimento* pode ter de perigoso e, ao mesmo tempo, alvissareiro, quer contar sobre a possibilidade de o homem assumir-se como criador de novos valores e de si mesmo, sobre as inauditas promessas de futuro: com o desprestígio do antigo fundamento da moral, “o mar (...) está novamente aberto”¹², pode brilhar “uma nova aurora”¹³ e, com ela, a chance de se reconhecer, finalmente, a “inocência do devir”.

Árduo é o convívio do extemporâneo Zaratustra com os homens da planície, os modernos, dele tão diferentes, como ele mesmo constata ao chegar ao vale e sofrer seu primeiro desencanto. Quase todos mergulhados na correnteza da opinião comum, obedientes à velha tábua de valores e ainda depreciadores da existência, “pregadores da morte” e “desprezadores do corpo”, não têm compreensão apurada do significado e do alcance da *morte de Deus*, o maior *acontecimento* da modernidade, aquele que, aparentemente terrível e assustador, pode levar o homem a despencar num vazio sem igual e afundar num tipo bem grave de *niilismo*, o *niilismo passivo*, mas que também pode abrir espaço a um novo tipo de cultura, a cultura trágica. Os modernos, em sua maioria, são despreparados para a “dádiva”¹⁴ de Zaratustra, “o novo sentido da terra”¹⁵, o *além-do-homem*, noção visceralmente atrelada à *morte de Deus* e também ao *eterno retorno*, o pensamento de que tudo o que vivemos já vivemos infinitas vezes e voltaremos a viver infinitas vezes, na “mesma sequência e ordem”¹⁶, “o pensamento dos pensamentos”, a súbita “intuição” que assalta Nietzsche, em 1881, “a seis mil pés acima do homem e do mundo”¹⁷, em uma de suas caminhadas “pelos bosques perto do lago de Silvaplana”¹⁸ na Suíça.

Quantas decepções no pedregoso caminho a atravessar até, de fato, aprender -- *Assim falou Zaratustra* alinha-se ao romance de formação da Alemanha do final do século XVIII e começo do XIX? – que dor e alegria não se excluem, até “tornar-se quem é”, o “mestre do eterno retorno”, até absorver, integralmente esse “pensamento abissal”, talvez o mais intempestivo dos pensamentos de Nietzsche, certamente “a mais elevada forma de afirmação que se pode em absoluto alcançar”!¹⁹ Quanto a ultrapassar, corajosamente, até se modificar em herói trágico-dionisíaco e dar à vida um *sim* incondicional, ainda que retornem,

¹² Ibidem.

¹³ NIETZSCHE, *A gaia ciência*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 234. (Livro V, *Nós, os impávidos*, 343).

¹⁴ NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, *Prólogo*, 2, p. 12.

¹⁵ Ibidem, *Prólogo*, 3, p. 14.

¹⁶ Ibidem, *A gaia ciência*, p. 230. (341, *O maior dos pesos*).

¹⁷ Ibidem, *Ecce homo*, p. 82. (*Assim falou Zaratustra*, 1).

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ Ibidem.

eternamente, a dor e o sofrimento e, inclusive, o homem pequeno, fraco, mesquinho, torpe, tolo, tagarela – o “último homem”! Quanto a enfrentar até proclamar sem medo que esse pensamento do retorno eterno é um precioso convite à superação do *niilismo*, à *transvaloração de todos os valores* historicamente predominantes e, particularmente, ao *amor fati*, a máxima expressão da aceitação da vida e do que ela guarda de precário e obscuro, infame e doloroso, estranho e questionável!

Recordo-me vivamente de ter me impressionado com muitas passagens que então, solenemente, repetia, citava, vez por outra – “é preciso ter ainda caos dentro de si, para poder dar à luz uma estrela brilhante”²⁰; “palavras mais quietas são as que trazem a tempestade. Pensamentos que vêm com pés de pombas dirigem o mundo”²¹ –, mas dos meus treze anos escapou a motivação maior do *Zaratustra*. Lá, não pude reconhecer que o apetite filosófico era o que guiava e justificava o estilo, a linguagem artística, a ausência de argumentação lógico-discursiva, o tom imoderado do que, à época, me pareceu, como a muitos que por ele se aproximaram de Nietzsche, um livro de literatura, uma obra literária. Assim como tantos, fui *pescada*, recorrendo aqui à célebre metáfora nietzschiana do anzol, pela afinidade explícita do “anunciador do raio” e “porta-voz da vida” com a poesia. Foi a linguagem poética, figurativa, metafórica o que deixou um tanto à vontade minha leitura adolescente e até certo ponto “saqueadora” das sugestões do enredo dramático.

Só mais tarde pude descobrir, e abraçar como objeto privilegiado de estudo, o sentido inequívoco do uso da linguagem artística, o motivo da aproximação entre filosofia e arte, filosofia e poesia, o vigor daquele escrever “com o próprio sangue”.²² Só mais tarde consegui alcançar o olhar oblíquo de Nietzsche para o distanciamento entre filosofia e arte, entender por que Zaratustra é, também, poeta e por que no livro, onde o “pensamento reluz como relâmpago”²³, parece que as ideias se perfilam e se cruzam sem a interferência e a mediação de qualquer reflexão. Por que a filosofia, desde o gesto inaugural, “optou” por uma linguagem supostamente desinteressada como a conjurar o risco de não compreender a existência? por que não pôde suportar a intimidade com a arte e a expulsou para a esfera da ilusão indesejada? Em minha primeira leitura, não poderia suspeitar que ali havia um nó entre *crítica* e *experimentalismo* e que a “escolha” da linguagem poética abrigava inúmeras questões filosóficas e uma concepção singular de filosofia – a filosofia trágica, a *filosofia do meio-dia*, a hora sem sombras.

²⁰ Ibidem, *Assim falou Zaratustra, Prólogo*, 5, p. 18.

²¹ Ibidem, *Assim falou Zaratustra, A hora mais quieta*, p. 140.

²² Ibidem, *Assim falou Zaratustra, Do ler e escrever*, p. 40.

²³ Ibidem, *Ecce homo*, p. 85. (*Assim falou Zaratustra*, 3).

Evocando agora aquele tempo, compreendo o prazer promovido pelo encontro inesperado: era o habitual prazer da leitura, a alegria provocada pelas narrativas, histórias, estórias com as quais me envolvia francamente. Mas, penso hoje, além do conhecido deleite, talvez encerrasse alguma coisa a mais aquela rede de experiências vivenciadas por alguém que sobe a montanha “carregando suas cinzas”²⁴ e depois “declina”, leve como um “dançarino”²⁵, fortalecido, “levando [seu] fogo para os vales”²⁶; pode ser que algo do que ainda viria em minha direção já se insinuasse a mim, ainda que não ao “espelho” ou ao “cubículo” da minha consciência, esse “órgão tardio”, o “mais inacabado e menos forte”!²⁷ De todo modo, sem distinguir com clareza o que se insinuava, *Zaratustra*, a mais dissimulada obra nietzschiana, a obra mais controvertida, aquela que, aos olhos do próprio Nietzsche, “ocupa um lugar à parte”²⁸ em seu percurso filosófico, significou para mim, um “bom encontro”, como diria Spinoza.

Depois de alguns anos, pelas mãos de Michel Foucault, Nietzsche e Zaratustra tornaram-se alvos frequentes de minha leitura atenta, orientada pela filosofia, animada por meu desassossego filosófico, convicta dos frutos da *ruminação* paciente, que assumi, de vez, como modo de ler. Aos treze anos, não poderia supor que o livro escrito “para todos e para ninguém”, o livro que tanto me seduziu como me ensinou e que à época talvez eu tenha assimilado com o corpo, a multiplicidade de afetos e impulsos, a “grande razão”²⁹ de que fala Nietzsche, seria um dos mais presentes em minha vida na universidade: não poderia antever que Nietzsche construiria uma morada tão sólida e especial em meu caminho acadêmico.

Mais tarde, aos dezessete anos, quando estudava não só, mas também Filosofia Antiga e Epistemologia, me deparei com um pequeno texto de Foucault, publicado em 1972 no número 28 da Revista *Tempo Brasileiro*, *Resposta a uma questão*, resposta a uma das onze questões formuladas pela revista *Esprit*. Desse texto, captado por alto, cedendo à provocação de Foucault, caminhei, curiosa e só, para *Arqueologia do saber*, a fim de tentar decifrar o que havia lido antes: *arqueologia, epistémê, discurso, enunciado, formação discursiva, critérios de formação, de transformação, de correlação dos discursos, arquivo*. Que linguagem tão surpreendente para quem, naquele momento, enveredava, com grande entusiasmo, pela leitura de Marx e alguns marxistas! Desafiada por essas e outras expressões inabituais, interessei-me, de pronto, pela célebre discussão sobre o estatuto das ciências humanas e segui para os

²⁴ Ibidem, op. cit., *Prólogo*, 2, p. 12.

²⁵ Ibidem, *Assim falou Zaratustra*, *Do ler e escrever*, p. 12.

²⁶ Ibidem.

²⁷ Ibidem, *A gaia ciência*, p. 62. (*Livro I*, 11).

²⁸ Ibidem, *Ecce homo*, p. 88. (*Assim falou Zaratustra*, 6).

²⁹ Ibidem, *Assim falou Zaratustra*, p. 35. (*Dos desprezadores do corpo*).

famosos capítulos IX e X, do livro de 1966, *As palavras e as coisas*. Impulsionada pela novidade do “triângulo dos saberes” – o que seria o “interstício dos saberes”?! -- e, sobretudo, desconcertada com a consideração do homem como “invenção recente”³⁰ e com a hipótese de seu “fim próximo”³¹, naquele início da década de 1980, com o auxílio de outras leituras, comecei a estender o fio entre esse Foucault que anuncia a possibilidade de desvanecimento do homem, “como, na orla do mar, um rosto de areia”³², e aquele Nietzsche intempestivo, errante, habitante das alturas; entre o Foucault *arqueólogo* e o Nietzsche *trágico*, entre o *riso* borgeano confessado por Foucault no *Prefácio* do livro de 1966 e o “sol” que Nietzsche representou para suas pesquisas, desde *A história da loucura*. Comecei, portanto, a aproximar dois críticos da cultura, dois diagnosticadores do presente, dois genealogistas; dali a algum tempo, nasceu meu primeiro longo texto, uma dissertação de mestrado, sobre a filosofia foucaultiana. Aos dezessete anos, não poderia ter a certeza de que Foucault seria, ao lado de Nietzsche, presença constante em meu percurso filosófico.

Na companhia de Nietzsche e de Foucault, encontrei Roberto Machado! No tempo que foi sendo tecido com o tear da filosofia, Nietzsche e Foucault ao meu lado e, então, a definitiva companhia de Roberto!

“Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Entro num acordo contigo
Tempo, tempo, tempo, tempo”
(Caetano Veloso,
Oração ao tempo)

Conheci Roberto pessoalmente no início da década de 1990. À época, eu já era professora da Universidade Federal Fluminense e Nietzsche e Foucault já eram dois dos autores privilegiados em minhas pesquisas. Como já havia lido *Danação da norma: a constituição histórica da medicina social e da psiquiatria no Brasil* (1978), *Introdução de Microfísica do poder* (1979), *Ciência e saber: a trajetória de Foucault* (1982), e *Nietzsche e a verdade* (1984), já conhecia Roberto desse outro modo: pelos importantes textos sobre os dois filósofos a que me dedicava particularmente, Roberto era uma referência decisiva. No

³⁰ FOUCAULT, M., *As palavras e as coisas; uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985, p. 403 (Capítulo X, VI).

³¹ *Ibidem*, p. 404. (Capítulo X, VI).

³² *Ibidem*.

Mestrado em Filosofia quis pensar a crítica de Nietzsche ao *ideal* e lá estava Roberto, especialmente com *Nietzsche e verdade*; no Doutorado, busquei o *eterno retorno* e, a despeito de ter dado início à redação da tese antes da publicação do livro, mais uma vez, esteve por perto, sobretudo, com *Zaratustra, a tragédia nietzschiana* (1997); no primeiro ano de pesquisa de Pós-Doutorado sobre o trágico em Nietzsche, o diálogo com *O nascimento do trágico* (2006).

Como escrevi no último 19 de Maio, durante alguns anos da década de 1990, eu saía da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e atravessava boa parte da cidade para chegar ao Largo de São Francisco, ao Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Por algumas horas, trocava os belos jardins e as românticas pontes e fontes da PUC pela beleza grave e solene do prédio centenário; naqueles dias, usufruía da combinação entre o vigor da exuberante natureza em que mergulha a PUC e a força incomparável da história gravada nas “pedras pisadas” das ruas e calçadas do Rio antigo, cravada nas escadarias, nas paredes, no chão, no pátio do IFCS. Ia correndo, apressada e ansiosa, ouvir Nietzsche, Foucault, Deleuze. Ia contente ouvir — e ver — Roberto, o professor! Muitas vezes, essa troca se dava depois do imenso contentamento provocado pelas inesquecíveis aulas da Katia Muricy: entre encantos e perigos da turbulenta cidade, lá ia eu carregando no colo, com muito cuidado, as palavras da professora e minha orientadora de Mestrado e Doutorado, sempre fundamentais e tão refinadas!

Chegava ao IFCS bem cedo, bem antes do horário da aula do Roberto, subia e descia as imponentes escadas, só mesmo para subir e descer, talvez para (ab)sorver o tempo, escutar as vozes vivas do passado longínquo, mexer um pouco na minha *alma*, arrumá-la, ou desarrumá-la, nem sei!, frente a tantas sensações e afetos, duros e doces ao mesmo tempo, e por isso tão necessários. Um toque final com um café na agitada cantina cheia de vozes e com um cigarro -- que lá de cima do parapeito de uma das varandas de um dos andares teimava em soltar uma fumaça tão cética quanto esperançosa em direção ao que ainda não tem nome – e eu estava pronta para entrar em sala. Chegava bem cedo porque que sabia – todos sabiam! – que a sala de aula logo ficaria lotada. E ficava! Repleta de alunos e ouvintes, mas também de entusiasmo, curiosidade, avidez: um burburinho, um diz-que-diz, um alvoroço quase sem fim! Por alguns minutos, Roberto não conseguia falar. Até que arrefecesse o ânimo dos mais falantes, o professor esperava, silente e elegante, olhando com seus olhos tão vivos para cada um daqueles adultos tão barulhentos e “bagunceiros”, caderno e livro(s) sobre a mesa. Ah, os cadernos do Roberto! Um tesouro é o que nos pareciam!

De repente, era o momento! Dali em diante, depois que começava a conversa, bom mesmo seria que o tempo dos relógios nem passasse... Bom mesmo seria reter, com zelo e firmeza, o eterno instante da aula, segurar, delicada e energicamente, o vai-e-vem das palavras, a riqueza das explicações, a clareza dos comentários! Roberto dava aulas com todo o corpo! E, como eu disse há poucos dias, também com as pausas, o silêncio, a concentração, repentina e rápida, e sempre tão fértil, em si mesmo. Olhos e sorriso, vejo agora e para sempre, tão expressivos; mãos grandes, generosas, sempre em movimento permanente, acompanhando o pensamento, também sempre em movimento.

Em sala, gentil e amorosamente, Roberto nos dava tudo: seriedade, rigor, leveza e paixão! No “professor apaixonado”, a inquietação, a exposição da construção de suas ideias, a autonomia do pensamento, o gosto, o prazer, o entusiasmo, a alegria franca, o riso contagiante. Nos textos, “água dourada” para os leitores, o cuidadoso trabalho conceitual, a firmeza na exposição de suas interpretações e a clareza de sua argumentação, o precioso tratamento dos autores e dos temas. Nas aulas ou nos textos, sempre estiveram em cena os frutos das pesquisas, sempre comprometidas com o enriquecimento do ensino; por isto mesmo, vinha à tona seu jeito de compreender a filosofia e o ofício do magistério.

Um dia, numa boa conversa, comentávamos sobre o que mais nos havia sensibilizado em Nietzsche: “O *amor fati!*”, dissemos rindo e em uníssono; o reconhecimento sincero de que vida é oscilação entre a precariedade e o gozo, a insuperável certeza de que sofrimento e alegria não são como pastos *bem demarcados* nas *veredas* de um *sertão*. Visceralmente ligado ao pensamento abismal do *eterno retorno* – que, à primeira vista, parece definitivamente preso à corrente do mais extremo *niilismo* --, que maior prova de amor à vida a afirmação e o júbilo diante do irremediável retorno de todos os instantes vividos?! Sem convocar aqui uma concepção linear do tempo, que convite mais expressivo a cuidar de cada instante *presente* como se fosse uma obra de arte, para que cada um dos instantes presentes que, inevitavelmente, pertencerão ao *passado*, sejam, no *futuro*, motivo de contentamento e não um fardo inconveniente e pesado a carregar?! Diante do retorno eterno de tudo o que vivemos, lançamo-nos ao chão, rangendo os dentes, ou bendizemos a “perene ampulheta do existir [que] será sempre virada novamente”?³³, pergunta Nietzsche, provocativo, no aforismo 341, de *A gaia ciência*.

Naquele momento em que conversávamos sobre Nietzsche, em especial sobre *Assim falou Zaratustra*, concluímos, rindo ainda: “*Isso era a vida? Muito bem! Mais uma vez!*”³⁴.

³³ NIETZSCHE, *A gaia ciência*, p. 230. (341, *O maior dos pesos*).

³⁴ *Ibidem*, *Assim falou Zaratustra*, p. 150. (*Da visão e o enigma*).

Sorriso nos olhos, disse Roberto: “O *amor fati* é genial, é uma coisa extraordinária, ‘tá entendendo?’” Sim, é extraordinário pensar que se pode viver, amorosamente e sem restrições, ressentimento ou rancor, o fluir ininterrupto do tempo, sua inexorabilidade e irreversibilidade, a temporalidade da vida, esse valor mais alto! Entendemos sua alegria de viver a filosofia, a literatura, as salas de aula, os amigos, sua alegria de viver a vida que, soberana, felizmente, não cabe no conceito!

Não por acaso, em minhas palavras ditas e escritas ressoam as palavras de Roberto! Também no que não digo nem escrevo, no meu silêncio, nas lacunas de minhas aulas e nas entrelinhas de meus textos ecoa a voz do professor tão admirado e tão querido!

Recebido em 13/10/2021

Aprovado em 26/02/2022